

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**JULIANA CORREA DALLA COSTA**

**O NARCISISMO NAS RELAÇÕES AMOROSAS: UMA EXTENSÃO DA TEORIA DE  
AMOR, CULPA E REPARAÇÃO DE MELANIE KLEIN**

**SÃO PAULO  
2023**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**JULIANA CORREA DALLA COSTA**

**O NARCISISMO NAS RELAÇÕES AMOROSAS: UMA EXTENSÃO DA TEORIA DE  
AMOR, CULPA E REPARAÇÃO DE MELANIE KLEIN**

**Trabalho de Conclusão de Curso como  
exigência parcial para a graduação no  
curso de Psicologia, sob orientação do  
Prof. Dr. Marcelo Camargo Batistuzzo**

**SÃO PAULO  
2023**

## RESUMO

7.00.00.00-0 Ciências Humanas

7.07.00.00-1 - Psicologia

Título: O narcisismo nas relações amorosas: Uma extensão da teoria de Amor, Culpa e Reparação de Melanie Klein

Autor: Juliana Corrêa Dalla Costa/ dallacosta.ju@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Camargo Batistuzzo/ mcbatistuzzo@pucsp.br

Departamento de Métodos e Técnicas em Psicologia– Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde – PUC-SP

O presente estudo busca elucidar uma discussão a respeito das possíveis intersecções do narcisismo nos relacionamentos amorosos e desenhar uma conexão com a obra “Amor, Culpa e Reparação”, de Melanie Klein, de forma a questionar a possibilidade destes sentimentos presentes na relação mãe-bebê se estenderem às relações adultas. Para tanto, o projeto parte de um breve panorama sobre as transformações da compreensão do conceito de amor, de acordo com as diferentes épocas e visões psicanalíticas atravessadas, e assume como norte da argumentação o conceito ocidental, ainda predominante em muitos relacionamentos atuais, de “amor romântico”. De modo a aprofundar, analisa-se, de maneira crítica, as raízes e primeiros indícios deste ideal ilusório que defende a existência de uma alma gêmea, a onipotência do amor e perfeição nas relações utilizando o livro “Novas Formas de Amar”, da psicanalista Regina Navarro Lins, como principal fonte de estudo. Em seguida, navega pela teoria kleiniana a respeito das posições da infância e por fragmentos da obra “Inveja e gratidão”, assim como por alguns autores contemporâneos da mesma linha que mergulham no conceito de narcisismo e sua possível relação com o sentimento de inveja. Desta forma, a pesquisa fará uso destes conhecimentos e conteúdos para debruçar-se em uma discussão a respeito de como o narcisismo primário, vivenciado durante a fase infantil, deixa traços leves ou significativos desta estrutura narcísica na vida adulta, principalmente nas relações de amor, e quais são os limites da patologização do narcisismo. Por fim, explora-se uma relação entre o amor romântico, as relações narcísicas, os sentimentos de culpa e a necessidade de reparação nos relacionamentos atuais, ou, no caso de narcisistas, a ausência de ambas as últimas.

**Palavras-chave:** relações amorosas; narcisismo; Melanie Klein.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. OBJETIVO.....	3
3. MÉTODO.....	4
4. O AMOR.....	5
5. O NARCISISMO.....	11
5.1 A superação do narcisismo primário .....	18
6. A CAPACIDADE DO NARCISISTA DE DESENVOLVER O SENTIMENTO DE CULPA E RECONHECER A NECESSIDADE DE REPARAÇÃO NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS.....	24
6.1 O espaço romântico saudável.....	24
6.2 A patologização do espaço romântico e a vulnerabilidade narcísica.....	28
7. CONCLUSÃO.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa investigar quais são as possíveis intersecções e atravessamentos do narcisismo nos relacionamentos amorosos adultos, partindo de um embasamento psicanalítico e histórico ocidental a respeito dos conceitos de amor e narcisismo. Através de uma relação traçada entre as obras de Melanie Klein e o narcisismo, conceito que será definido mais para frente, nas relações amorosas, visa-se proporcionar ao leitor uma reflexão a respeito de como a elaboração do desenvolvimento infantil pode interferir e influenciar futuramente nas relações adultas amorosas e nas fantasias <sup>1</sup>que lhe envolvem.

Para tanto, foram desenvolvidos três capítulos que pretenderam abrir uma discussão sobre as diferentes concepções destes termos ao longo dos anos, civilizações e olhares, bem como questioná-los e traçar cruzamentos entre ambos nos dias contemporâneos.

No primeiro capítulo, será feito um retorno ao conceito de amor, desde a visão clássica até a atual, de modo a revisar e compreender as diversas significações atribuídas e suas transformações ao longo dos anos. Terão lugar de destaque, neste capítulo, as origens e os gatilhos influentes na construção do que hoje compreendemos como “amor romântico” e os seus possíveis desdobramentos. Ao longo dos anos, o conceito de amor mudou, dependendo de diferentes períodos e visões de mundo, desde os grandes pensadores da história até os principais psicanalistas ocidentais. O amor, de modo a ser discutido, precisa ser compreendido como um conceito volátil e histórico, a depender de seu ambiente e contexto. Partindo deste ponto de vista, este conceito é marcado por grandes transformações e concepções relativas, saindo de uma estigmatização pecaminosa e de pouca relevância nos casamentos da Idade Antiga e atravessando as transições políticas, culturais e econômicas da Idade Média (séculos V a XV), época na qual os relacionamentos amorosos são marcados por uma grande repressão dos prazeres sexuais e uma construção pautada em expectativas da própria sociedade. É a partir da transição para a Idade Moderna (séculos XV a XVIII) que se inicia a introdução do conceito de amor enquanto sentimento relevante para a construção de um casamento e uma família nuclear e posteriormente, atinge o ideal contemporâneo (século XIX a diante) de amor como algo amplo e digno de ser considerado em uma relação de companheirismo e afeto. É este ideal que, ao ser aprofundado e reforçado algumas décadas depois por meio de poemas,

---

<sup>1</sup> As fantasias inconscientes estão subjacentes a todo processo mental e acompanham toda atividade mental. Elas são a representação mental daqueles eventos somáticos no corpo que abrangem as pulsões, e são sensações físicas interpretadas como relacionamentos com objetos que causam essas sensações (...) (HINSHELWOOD, 1992, p. 427)

mitos, contos, livros e, posteriormente, filmes e músicas românticas, será a semente embrionária para o surgimento do amor romântico, conceito que defende a existência de uma alma gêmea e de completude absoluta. Apesar de o amor, assim como outros conceitos, ser tomado como uma única coisa para a maioria presente em cada uma destas épocas, é necessário reconhecer que existem exceções às regras. Na Idade Antiga (3.500 a. C a 476 d.C.), por exemplo, a percepção de muitos gregos e romanos se diferia das demais ao enxergar o amor como algo relevante de cultivar nas relações, ou até mesmo, a sustentação deste ideal através de provas de amor à pessoa desejada nos poemas e músicas feitas por trovadores que marcaram tal época. Da mesma maneira, a relatividade do conceito do amor e sua origem se manifesta nas visões apresentadas pelos principais psicanalistas ocidentais, as quais serão comentadas e diferenciadas futuramente ao longo da pesquisa.

O segundo capítulo se assemelha do primeiro no sentido de apresentar objetivos semelhantes, como a origem do conceito e duas ramificações, porém, neste caso, conceitualizando o leitor a respeito das diversas perspectivas de narcisismo resgatadas de obras teóricas psicanalíticas e pós kleinianas. Apesar de Melanie Klein não ter se debruçado profundamente no tema, alguns autores kleinianos contemporâneos discorrem sobre o conceito de narcisismo baseando-se em suas teorias a respeito das relações de objeto. Ademais, abre espaço para comparar a compreensão e definição de narcisismo de Klein e pós kleinianos com a perspectiva freudiana, compartilhada em sua obra “Introdução ao narcisismo” e ,por fim, abre espaço para discutir os limites entre a saúde e a patologia do narcisismo, buscando, compreender como o não rompimento do narcisismo primário, compartilhado por todo o ser humano em determinada fase de seu desenvolvimento infantil, pode deixar resquícios significativos após na vida adulta do sujeito.

Após ter construído um panorama a respeito de amor e narcisismo individualmente, o terceiro capítulo constrói uma reflexão opinativa sobre o lugar de intersecção destes conceitos, visando colocar em questionamento o conceito de “amor romântico”. De modo a estruturá-lo, retoma-se a utopia de amor perfeito, fator que corrobora para a elaboração do ideal e questiona-se a capacidade do indivíduo narcísico de vivenciar sentimento de culpa e sentir necessidade de reparação da relação, compartilhados por Melanie Klein em uma de suas principais obras, para além da fase infantil e do laço do bebê com a mãe. Desta forma, a partir do conhecimento adquirido através dos referenciais e da discussão construída ao longo dos três capítulos presentes na pesquisa, a mesma buscará ajudar o leitor a refletir sobre maneiras de construir um relacionamento saudável com o par amado, considerando as questões e os sentimentos que atravessam a relação, tais como a inveja,

a gratidão e a culpa. Por outro lado, poderá contribuir para a continuidade na construção de elementos e embasamentos da teoria kleiniana, incluindo conceitos originais e artigos de autores pós-kleinianos em um contexto atual e avolumar as referências disponíveis neste campo específico.

## **2. OBJETIVO**

### **2.1. Objetivo geral**

O presente trabalho de conclusão de curso pretende investigar e analisar as relações postas entre amor romântico e narcisismo. Em outras palavras, visa mapear o panorama dos conceitos de amor e narcisismo ao longo da história e na visão dos principais psicanalistas ocidentais, e elucidar o leitor a respeito da teoria kleiniana sobre laços primitivos entre mãe-bebê em “Amor, Culpa e Reparação”, a fim de compreender os possíveis atravessamentos dos primeiros vínculos afetivos em futuros relacionamentos adultos do sujeito. Busca-se, ademais, traçar uma possível relação entre o narcisismo e os relacionamentos amorosos contemporâneos para investigar o lugar que este ocupa diante das relações e questionar a capacidade e/ou facilidade do sujeito narcisista de sustentar relacionamentos maduros e saudáveis.

### **2.2. Objetivos específicos**

Para que este objetivo possa ser alcançado, será necessário:

- Conceitualizar o amor romântico e os seus possíveis atravessamentos nos relacionamentos atuais;
- Fazer um resgate histórico de como aparece o amor na cultura ocidental ao longo do tempo e diante das obras dos principais psicanalistas;
- Retomar e caracterizar o conceito do sentimento de amor e do narcisismo, descritos por Melanie Klein na obra “Amor, Culpa e Reparação”, com enfoque nos laços afetivos da primeira infância entre mãe-bebê;
- Retomar e descrever a compreensão de narcisismo possibilitada pela obra de autores kleinianos contemporâneos e de Freud;
- Percorrer obras de psicanalistas kleinianos e/ou pós-kleinianos para refletir os limites da patologização e categorização do narcisismo;
- Estender a obra “Amor, Culpa e Reparação” de Melanie Klein com os relacionamentos amorosos da vida adulta, buscando desenhar paralelos com a construção dos primeiros vínculos objetais e discutir a respeito da capacidade do sujeito narcisista de

sentir culpa, compreender a necessidade de reparação e se envolver em relacionamentos amorosos maduros e saudáveis.

### 3. MÉTODO

A presente pesquisa, realizada a partir de uma revisão bibliográfica, tem como referencial teórico a Psicanálise e conta com o mapeamento, coleta e análise de publicações, artigos e obras já publicados a respeito do assunto. De modo a garantir uma quantidade significativa de artigos e dissertações para construir o embasamento teórico, tornou-se necessário recorrer às principais plataformas de busca como a Scielo, Scholar Google, Pepsic, Biblioteca de Teses da USP e PUC, através de algumas palavras-chave, como "amor", "narcisismo" e "amor romântico". Em primeiro lugar, selecionou-se aqueles que tinham uma versão disponível em português e inglês. Em seguida, foi realizada a leitura dos resumos, a fim de identificar os artigos que mais se aproximavam do que se estava buscando. Uma vez escolhidos, os artigos foram lidos e submetidos a um processo de fichamento.

Sendo uma pesquisa psicanalítica qualitativa, de natureza teórica e que partiu de um levantamento cuidadoso de referências, recorreu-se tanto a textos originários de psicanalistas ocidentais como Freud e Melanie Klein quanto a obras contemporâneas como o livro *Novas formas de Amar* (2019), de Regina Navarro Lins; os vídeos do programa *Café Filosófico* como *A paixão vista pelo enamorado* (2019), do psicanalista Jurandir Freire Costa e *Utopia do amor perfeito* (2017), da psicanalista e socióloga Caterina Koltai e o episódio "Amando como a verdade do nosso desamparo" (2021) do podcasts *Meu Inconsciente Coletivo*, de Tati Bernardi. Após a leitura e/ou escuta atenta de cada uma das fontes, realizou-se um fichamento de modo a evidenciar os principais pontos compartilhados e estruturar, de forma organizada, um repertório de conhecimentos e informações importantes para a conceitualização e construção da discussão teórica.

Além das principais obras de psicanalistas ocidentais, foram estudados diversos textos abrangidos nas obras de autores pós-freudianos e pós-kleinianos, como "Estilo e Pensamento" (CINTRA e FIGUEIREDO, 2010), "As múltiplas faces de Narciso" (MACÊDO, 2010) e "Narciso: O imaginário da Palavra" (BEHAR, 1984), como vídeos, podcasts e alguns capítulos de livros que dialogam de maneira estreita, porém atualizada e com um olhar diversificado, com o presente tema de pesquisa.

Por sua vez, o capítulo "Amor, Culpa e Reparação", do livro *Amor Culpa e Reparação* (KLEIN, 1937), configurou-se como um texto central para a realização desta pesquisa, dado

que a autora traz uma abordagem ampla da origem do amor, assim como da construção do sentimento de culpa e necessidade de reparação que atravessa as posições do desenvolvimento infantil. Por outro lado, múltiplos capítulos do livro “Novas Formas de Amar” (LINS, 2019) atuaram como coadjuvantes e cocriadores da construção do primeiro capítulo e desenho das diversas maneiras de amar e amor presentes desde os tempos passados até os atuais, contribuindo para o embasamento e aprofundamento do raciocínio do projeto.

Da mesma maneira, constrói-se uma narrativa a respeito do conceito de narcisismo por meio da coleta de dados a partir da revisão bibliográfica dos textos pós-kleinianos como “On the psychopathology of narcissism” e “A clinical approach to the psychoanalytic theory of the life and death instincts: an investigation into the aggressive aspects of narcissism” (ROSENFELD, 1964) como artigos de outros psicanalistas como Freud compartilha em “Introdução ao Narcisismo (1914)”, relacionando os conceitos e tendo como guia a teoria psicanalítica.

Após mergulhar no estudo e conceitualização, em suas diversas transições e distinções, de termos como amor e narcisismo, faz-se uso dos dados coletados e reflexões traçadas para retomar o ideal de amor romântico e questionar a utopia do amor perfeito para, em um segundo momento, construir uma argumentação crítica a respeito da definição do amor narcísico, partindo da diferenciação entre amor e paixão, e da vulnerabilidade narcísica, visando refletir e traçar hipóteses sobre a patologização do narcisismo e a capacidade dos narcísicos de adentrarem, assim como sustentarem, um relacionamento amoroso e não meramente passional.

#### **4. O AMOR**

Em seu livro “Novas formas de amar”, a psicanalista Regina Navarro Lins (2009) nos contextualiza a respeito das transformações dos relacionamentos amorosos ao longo dos anos e épocas históricas. Por muitas décadas, as relações amorosas tal como casamentos não eram baseadas no amor, mas sim em interesses sociais, econômicos e políticos, como é o caso de certas sociedades tribais que tinham claras divisões de papéis entre homens e mulheres e criavam alianças sexuais buscando, exclusivamente, garantir a sobrevivência da espécie e a manutenção das funções atribuídas. Tais culturas possivelmente associavam o amor a uma possível fragilização e ameaça aos valores tribais e, portanto, as atividades sexuais sem envolvimento emocional eram encorajadas e aceitas por muitos grupos e estruturas sociais. Esta dimensão de amor se estende até a Idade Antiga (4.000

a.C. - 476 d.C.), era marcada pela ausência de uma noção pecaminosa sobre a sexualidade e por uma cultura que não apenas aceitava a vida sexual como algo necessário e normal, mas discutia e compartilhava visões sobre o amor e o sexo através de artes e mitos (LINS, 2019).

Já para a cultura grega clássica (séculos V a IV a.C) o amor era tido como algo especial, uma ligação espiritual passional (BRANDEN, 1998). Além do reflexo da veneração da beleza física, acreditava-se que o ser humano era formado por dois elementos distintos: o corpo, natureza inferior, e o espírito, natureza superior. As necessidades que não fossem do corpo tinham mais valor, pois os gregos idolatravam os relacionamentos amorosos espirituais e não carnis. Além disso, segundo Regina Lins (2012), o sentimento amoroso mais valorizado na Grécia clássica era entre homens, sendo a bravura resultado de tal amor uma vez que, tanto o amante quanto o amado preferiam a morte a demonstrar fraqueza diante do outro:

“(...) enquanto o desejo sexual decorrente de sentimentos profundos era freqüentemente visto como afeminado e insano, o relacionamento amoroso apaixonado entre dois homens era tido como um relacionamento no qual o amante mais velho inspirava no jovem a nobreza e a virtude, e o amor entre estes elevava a mente” (BRANDEN, 1998, p. 28).”

Em contrapartida aos relacionamentos homossexuais, os relacionamentos entre um homem grego e uma mulher eram vistos, em geral, como uma tragédia ou uma loucura e raramente resultando em casamentos, pois as mulheres não tinham o status e os direitos reservados aos cidadãos gregos masculinos e, portanto, eram consideradas subordinadas a estes (BRANDEN, 1998).

Na cultura romana, apesar de algumas diferenças consideráveis em relação a épocas anteriores, a união por amor ainda não era aceitável. Neste caso, o casamento era visto como um mal necessário para os homens suprirem as obrigações sociais, tais como ter filhos e uma boa dona de casa, ou para cumprirem razões financeiras ou políticas. Neste sentido, é diante desta época que, segundo Branden (1998), a família deu um novo significado ao relacionamento entre marido e mulher ao tornar-se uma unidade política e social que garantia a preservação e proteção da propriedade. Através deste movimento, a posição da mulher na sociedade romana teve uma elevação depois que a unidade

doméstica teve uma maior valorização, passando a ter mais liberdade, independência econômica e respeito cultural, porém, os tabus e preconceitos ainda eram muito presentes na mentalidade de uma mitologia cultural que passou então a exaltar a fidelidade e devoção das mulheres casadas como uma virtude inegociável. (BRANDEN, 1998).

Com a decadência do Império Romano e a transição para o modo de produção feudal, as ideias cristãs passam a ser disseminadas pela Igreja Católica e afetam tanto os relacionamentos homem/mulher quanto o resto da cultura ocidental. O cristianismo instaura uma noção pecaminosa de sexualidade e assegura a homens e mulheres um ideal de amor coerentemente abnegado e não-sexual, separando o amor e o sexo enquanto dois polos opostos: a fonte do amor era Deus; a origem do sexo era o Diabo (BRANDEN, 1998). Nesta época, "(...) o sexo era algo abominado pela Igreja e o casamento continente - sem relações sexuais envolvidas - tornou-se o ideal cristão, pois acreditavam que se livriam da danação ao martirizar os corpos contra os desejos" (LINS, 2012, p.10). Sendo assim, os relacionamentos amorosos na Idade Média (séculos V - XV), foram marcados por uma grande repressão sobre os prazeres corporais e uma construção pautada em status e expectativas da própria sociedade. Mesmo sendo considerado um sacramento pela Igreja, o casamento ainda era visto como uma instituição econômica e política e o amor deveria ser destinado apenas a Deus.

Em seguida, a Idade Moderna (séculos XV - XVII), apesar de ainda apresentar resistências ao amor como fator estruturante de relacionamentos, foi um período histórico de transição. Como aponta Lins (2019), as formas de se relacionar não conseguiram se distanciar efetivamente do período medieval, mas conseguiram deixar um terreno fértil para as mudanças significativas nos relacionamentos amorosos que aconteceram posteriormente, nos séculos XIX e XX. É possível considerar que o principal efeito da Idade Moderna nos relacionamentos amorosos foi a abertura para a possibilidade de se ter amor nos casamentos, sendo este fato explicado pela nova configuração do modelo econômico industrial e pela nova formação da família nuclear.

É apenas no século XIX que, graças ao contexto do nascimento do capitalismo, da ocorrência da Revolução Industrial e da emersão da cultura individualista que valoriza a felicidade do eu acima da coletiva, se presencia pela primeira vez na história ocidental, relatos da junção da corrente sensual e da corrente afetiva em um único companheiro amoroso. São estas transformações que abrem as portas para o encontro ser marcado no século XX, trazendo novidades aos relacionamentos amorosos e generalizando o casamento aproximadamente na década de 1940, apesar dos tabus e repressões ainda serem presentes e refletidos do passado.

“Pela primeira vez na história da humanidade foi reconhecido explicitamente que os seres humanos deveriam ser livres para escolher seus próprios compromissos. A liberdade intelectual e a liberdade econômica surgiram e prosperaram juntas. Os seres humanos descobriram o conceito dos direitos individuais (BRANDEN, 1998, p.43).”

Em 1950, após a Segunda Guerra Mundial e a tamanha destruição causada, leva os jovens a questionar os valores depositados pelos seus pais. Surge uma geração com desejo de movimentar a vida e fugir da monotonia, com experimentações e descobertas que passassem a sensação de liberdade nas veias. Em seguida, tal mentalidade é reforçada na década de 1960 com a geração sexo, drogas e rock and roll, que inicia o movimento de celebração do sexo e da liberdade sexual que se fortalecerá nos anos seguintes. Tais acontecimentos e transformações na perspectiva resgatam a pauta do amor e a produção de conteúdos românticos que retratam a existência de uma alma gêmea; a onipotência do amor e a atração de “metades da laranja”, antes vistos em mitos gregos e contos infantis do Ocidente. Aqui vemos o surgimento do princípio de “amor romântico”.

Inicia-se, ainda embrionário, no século XI com o ideal de amor cortês. Criadas por trovadores e poetas das cortes nobres romanas, na Europa Ocidental, a chamada doutrina do amor cortesão demonstrava os primeiros traços de uma mistura de crenças sobre amor e casamento e idealizava a pessoa amada, elevando-a a um plano quase divino. Segundo Branden (1998), a prática do amor cortês pauta-se em regras estritas que em teoria garantem o amor perfeito e fiel entre os envolvidos, e as quais, posteriormente, irão arar o terreno para a construção do ideal de amor romântico:

“(...) a ideia expressa pela doutrina do amor cortesão contém três princípios relativos ao amor romântico de hoje: o autêntico amor entre um homem e uma mulher se fundamenta na liberdade de escolha de cada um, e dela necessita, não podendo prosperar se submetido à autoridade familiar, social ou religiosa; este amor se baseia na admiração e no respeito mútuo; o amor não é uma diversão fútil, é de grande importância para a vida.

Com base nisto, os historiadores justificam sua visão do amor cortesão como marco do início do conceito moderno de amor romântico (BRANDEN, 1998, p. 37).”

Uma vez apresentado por construções culturais e sociais a este ideal de amor, diante de um sentimento de falta ou incompletude o sujeito idealiza excessivamente a pessoa amada, projeta<sup>2</sup> nela características que não lhe pertencem, mas constituem a sua fantasia de pessoa ideal. Na modernidade, se atualiza como a crença popular de que tal “amor perfeito”, baseado em adoração extática entre as partes envolvidas, é a única forma de amor existente e banhado por uma sensação de completude sem ausências ou faltas (LINS, 2019). O mito do amor romântico consiste, então, na sustentação de uma relação pautada em uma fantasia baseada em suas necessidades de completar uma lacuna existencial vivenciada e não algo real, levando muitas vezes à frustração.

Apesar de ter sido nomeado somente em tempos modernos, o conceito de amor enquanto algo que visa a completude e a satisfação total do sujeito é expresso em teorias psicanalíticas que antecedem a modernidade. Em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (FREUD, 1914), situa o amor como algo marcado e sustentado pela ilusão. Segundo o autor, é uma repetição dos imagos parentais (uma imagem inconsciente de objeto, realizada e construída em idades precoces e investida pulsionalmente) na qual o sujeito tende a buscar em suas escolhas amorosas condições infantis que resgatem a sensação primordial que experienciaram com os seus cuidadores primários.

Por sua vez, o autor afirma que o amor pode ser originado de duas formas: (1) Anaclítica, a qual, seguindo o modelo das figuras parentais, busca simbolicamente a mãe que amamenta ou o pai que protege, ou ainda aqueles outros que os substituíram, ou (2) Narcísica, a qual implica num investimento no próprio eu. No segundo caso, vemos uma aproximação significativa do que, posteriormente, rotulamos de “amor romântico”, uma vez que busca e projeta no sujeito desejado o que é, o que já foi e o que gostaria de ser (FREUD, 1914).

A partir disso compreende-se então que no amor, por meio da idealização do objeto, busca-se uma satisfação plena. O ato de amar tenta suprir a necessidade de proteção e o

---

<sup>2</sup> “Klein empregou a expressão “projeção” com muitos dos significados mencionados: (a) projeção do objeto interno; (b) desvio da pulsão de morte; (c) externalização de um conflito interno, e (d) projeção de partes do self. O termo é utilizado por Sigmund Freud a partir de 1895, essencialmente para definir o mecanismo da paranoia, porém mais tarde retomado por todas as escolas psicanalíticas para designar um modo de defesa primário, comum à psicose, à neurose e à perversão, pelo qual o sujeito projeta num outro sujeito ou num objeto desejos que provêm dele, mas cuja origem ele desconhece, atribuindo-os a uma alteridade que lhe é externa.” (HINSHELWOOD, 1992, p. 427)

objeto do amor pode, por sua vez, causar uma sensação de totalidade narcísica, não castrada, protegida e amparada. Por outro lado, pode vir a causar uma ruptura nessa identidade e ilusão, causando uma sensação de desamparo (PINHEIRO e ANDRADE, 2004). Em contraponto, no desejo a satisfação não pode ser completa uma vez que ela se origina do desprazer produzido pela falta. Neste sentido, a incompletude do desejo e a existência inerente da falta ao ser humano seriam os fatores que mantêm o psiquismo do sujeito em movimento e uma busca constante (PINHEIRO e ANDRADE, 2004).

Compartilhando da hipótese de que o amor é originário de uma tentativa do sujeito de resgatar sensações primordiais, a psicanálise kleiniana acredita que a primeira vivência em que experienciamos aquilo que compreendemos como amor acontece na infância através da satisfação do bebê ao ter todas as suas necessidades e desejos supridos pela mãe (KLEIN, 1937). A relação bebê-seio vai permitir que ele atinja uma sensação de completude diante de sua satisfação, resultando em gratidão e, posteriormente, amor:

“A sensação temporária de segurança que se obtém ao receber gratificação aumenta em muito a gratificação em si; desse modo, a sensação de segurança se torna um componente importante da satisfação obtida quando se recebe amor. Isso se aplica tanto ao bebê quanto ao adulto, tanto às formas simples de amor quanto às suas manifestações mais elaboradas.” (KLEIN, 1937, p. 348)

Desde seu nascimento, o bebê se depara com a dicotomia manifestada nos conflitos entre pulsão<sup>3</sup> de vida e morte, bem e mal e criatividade e destruição. Tal ambiguidade se estende na relação mãe-bebê no que diz respeito à construção dos sentimentos de amor e ódio. Aos bebês que mamam, a sensação de gratificação que o bebê recebe ao mamar no seio da mãe, eventualmente, será traduzida em forma de amor. Na mesma medida, o sentimento de ódio é advindo da frustração causada por não ter seus desejos atendidos e se manifesta nesta relação através de impulsos de agressividade que aliviam o bebê dos estados de fome, ódio, tensão e medo sentidos. (KLEIN, 1937).

É neste momento, ainda inicial da vida do bebê, que a autora defende o surgimento da fantasia<sup>4</sup> como uma ferramenta de defesa do sujeito diante destes possíveis desprazeres

---

<sup>3</sup> Termo surgido na França em 1625, derivado do latim *pulsio*, para designar o ato de impulsionar. Empregado por Sigmund Freud a partir de 1905, tornou-se um grande conceito da doutrina psicanalítica, definido como a carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do homem. (ROUDINESCO e PLON, 1997, p. 46).

<sup>4</sup> Roteiro imaginário em que o sujeito está presente e que representa, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente. A fantasia apresenta-se sob diversas modalidades: fantasias

causados pela realidade. Por um lado, quando o bebê deseja o seio da mãe e ela está ausente, ele pode imaginar a sua presença e obter satisfação através dessa fantasia agradável. Na mesma medida, fantasias destrutivas manifestam-se quando há frustração e sentimento de ódio diante do objeto e nelas, o bebê pode desejar devorar e atacar a mãe e seu seio. Estas fantasias destrutivas são marcadas por desejos de morte que o bebê sente como se fossem reais, ou seja, como se ele realmente tivesse destruído o objeto de seus impulsos. Sendo assim, o bebê busca apoio contra esses medos em fantasias onipotentes que têm um caráter restaurador, no qual ele cria fantasias em que está juntando os pedaços e restaurando a mãe que acabou de ser atacada. No entanto, isso não elimina completamente o sentimento de culpa e o medo de ter destruído o objeto do qual mais precisa, uma vez que ele ainda se encontra em uma situação de total dependência.

## 5. O NARCISISMO

Na literatura ocidental, o termo narcisismo tem origem na mitologia grega, a partir da história de Narciso, um jovem extremamente belo pelo qual muitos se apaixonaram, mas que rejeitava todas as tentativas de amor. Certa vez, ao se ver refletido na água de um lago, se apaixonou perdidamente pela sua própria imagem e passou a contemplá-la sem cessar. Na versão mais comum, o jovem apaixonado por sua própria imagem, acaba morrendo de inanição (fome crônica) e transforma-se em uma flor (OVÍDIO, 8 d.C./2017).

No entanto, em algumas versões alternativas, há um final diferente para a história. Em uma delas, a ninfa Eco, que se apaixonou por Narciso, pede aos deuses que concedam a ele a possibilidade de se apaixonar por alguém que nunca o amaria em troca. Os deuses atendem o pedido e Narciso se apaixona pela sua própria imagem refletida na água, mas acaba se afogando na tentativa de alcançá-la (WATERFIELD, 2013).

A história tem sido interpretada de diversas maneiras ao longo do tempo, podendo passar uma moral diferente a depender de qual é o desfecho apresentado ao leitor. Em algumas versões, o mito é visto como uma advertência contra a vaidade excessiva e a auto obsessão, enquanto em outras, é interpretado como um símbolo da dificuldade que as pessoas têm em se relacionar verdadeiramente com os outros, preferindo o conforto de sua própria imagem. De qualquer maneira, todas as versões desejam alertar ao leitor a respeito do risco da perda de conexão com a realidade e o mundo ao nosso redor através do auto obsessão (MIJOLLA, 2002, p. 1110).

---

conscientes ou sonhos diurnos; fantasias inconscientes como as que a análise revela, como estruturas subjacentes a um conteúdo manifesto; fantasias originárias. A escola kleiniana criou o termo phantasy (phantasia), ao lado de fantasy. (HINSHELWOOD, 1992, p.46)

Desde o conhecimento da história e da sua moral, o mito tem sido amplamente explorado em diversas áreas do conhecimento como na filosofia e na literatura, por pensadores e escritores como Friedrich Nietzsche. Em sua obra "Assim falou Zaratustra" (1883), descreve Narciso como um herói trágico que representa a busca da individualidade e da autoexpressão e Oscar Wilde, em "O Retrato de Dorian Gray" (1890), que utiliza a imagem do espelho como um símbolo da obsessão pela própria imagem.

Ademais, a partir dela o conceito de narcisismo foi criado e passou a ser utilizado na psicanálise para descrever uma forma de amor próprio excessivo e patológico, sendo o termo mencionado em diversas obras psicanalíticas. De acordo com Ullrich e Rocha (2019), a palavra "narcisismo" foi inicialmente utilizada em uma perspectiva psicanalítica por Havelock Ellis (1898) para se referir a pessoas que demonstravam forte atração sexual por seus próprios corpos, ou seja, que tinham si mesmos como fonte de prazer e meio de atingir a satisfação, através da masturbação por exemplo. Posteriormente, Freud (1914) mencionou outra utilização incipiente do termo empreendida por Paul Näcke (1899), que descreveu como narcisistas aqueles que viam seus próprios corpos como objetos sexuais. A partir da publicação de sua obra, analistas de quase todas as tendências passaram a empregar o termo e os primeiros usos do narcisismo indicam que ele era frequentemente associado com comportamentos sexuais autoeróticos, como a masturbação, e os quais eram considerados perversos.

Entre a década de 1960 e 1980, o termo atravessou as fronteiras da psicanálise e passou a se popularizar no campo das ciências sociais e nas análises de cultura, através do forte impacto da obra de Christopher Lasch. O livro "A cultura do narcisismo", originalmente de 1979 e traduzido em 1983, parte do conceito psicanalítico para destrinchar a relação entre indivíduo e sociedade e, ao ser tomado de modo isolado ou em articulação com o clássico de Guy Debord de 1963 "A sociedade do espetáculo", tornou-se um texto de um intenso debate ocorrido no movimento psicanalítico norte-americano - as origens incipientes do que compreendemos como Psicanálise hoje. Apesar dessas obras terem contribuído para uma expansão do termo, por outro lado foram responsáveis pelo esgarçamento, banalizando o uso do conceito para se referir de maneira pejorativa aos narcisistas, inclusive nos corredores psicanalíticos, como indivíduos desagradáveis, egoístas e sem consideração aos demais.

O psicanalista Jurandir Costa Freire (1988) já observara que o uso leigo do termo, no qual o narcisismo é praticamente sinônimo de egoísmo, sobrepõe-se frequentemente ao sentido técnico, que procura descrever uma etapa estrutural do desenvolvimento subjetivo tal como exposto por Freud em 1914. Foi com o texto "Introdução ao narcisismo", que o

conceito passou por uma formalização mais rigorosa e tornou-se um ponto fundamental da teoria psicanalítica. Freud foi responsável por desvincular a ideia de narcisismo de uma concepção de patologia e apontou que, entre outras coisas, o narcisismo é uma etapa universal do desenvolvimento psicológico dos indivíduos, situando-se entre o período de autoerotismo<sup>5</sup> e o amor pelo objeto externo (1914). É nesse momento que a criança começa a investir em si mesma como objeto de amor e começa a formar sua identidade, o que é conhecido como narcisismo primário, conceito que será aprofundado a seguir.

Desde a publicação da obra freudiana, em 1914, o narcisismo primário tem sido discutido como referido à questão das origens do sujeito psicológico na sua associação com as excitações corporais, com os investimentos libidinais que um bebê faz tanto com si mesmo como nos objetos, que estariam associados às suas necessidades e aos seus desejos. Desta forma, as atualizações conceituais e teóricas de Freud que envolvem a investigação psicanalítica do narcisismo são importantes, uma vez que Freud mesmo reconheceu a dificuldade de observar o narcisismo primário, compreendido a princípio como o fenômeno de direcionamento dos investimentos libidinais ao seu próprio ego/eu (ROUDINESCO e PLON, 1997, p. 531), por ser algo mais dedutível do que observável.

Posteriormente, Melanie Klein afasta-se de Freud a respeito da sua definição de narcisismo enquanto um estágio inicial da primeira infância, antes do reconhecimento de um objeto pelo bebê e quando o próprio ego dele é tomado como objeto de amor libidinal (FREUD, 1914). Para Klein, o caráter narcísico manifesta-se nos primeiros meses de vida, na fase esquizo-paranóide, e através das relações com objeto esquizóides que são caracterizadas pelo estado de indiferenciação entre o self e o objeto, ilusão de onipotência e desejo de controle de ambas (CINTRA E FIGUEIREDO, 1930). Nesta fase, o bebê enxerga os objetos como dicotômicos, constituídos por partes satisfatórias (as quais suscitam o desejo de consumo) e as insatisfatórias (as quais direciona ataques de agressividade, como mordidas e choros intensos). O mesmo é válido para a mãe e o seio, que são introjetados ao ego do bebê e compreendidos enquanto objetos mágicos criados exclusivamente para satisfazer as suas necessidades e os seus desejos, e não como independentes.

Segundo a obra "Estilo e Pensamento: A década de 1930 e a posição depressiva".

---

<sup>5</sup> Termo proposto por Havelock Ellis e retomado por Sigmund Freud para designar um comportamento sexual de tipo infantil, em virtude do qual o sujeito encontra prazer unicamente com seu próprio corpo, sem recorrer a qualquer objeto externo (ROUDINESCO e PLON, 1997, p. 46).

“O trabalho da fantasia envolve sempre a ilusão de onipotência que permite atribuir ao outro e nele depositar aspectos da própria realidade psíquica e, por isso, chamamo-la de protótipo de uma relação narcisista, embora o indivíduo deposite no outro justamente as partes que ele não suporta ou não pode conter” (CINTRA E FIGUEIREDO, 1930, p.115).

Como já vistos anteriormente e retomado com o trecho acima, Klein propôs que as crianças possuem uma série de fantasias inconscientes e representações mentais formadas a partir das suas experiências com as figuras parentais e outros objetos de seu ambiente, estando sempre relacionadas a desejos, medos, ansiedades e necessidades da criança (1932). São tais fantasias que permitem que o bebê viva a ilusão de controle total sobre os objetos e que ele não se reconheça conscientemente no outro. Porém, a partir do primeiro ano de vida, o ego já apresenta maior organização e consegue unificar os aspectos dicotômicos antes presentes na relação com o objeto, produzindo consciência e reconhecimento do outro enquanto ser independente. Neste momento, o bebê começa a diferenciar-se da mãe e dos objetos externos, sendo então passíveis de perda, e passa a introjetá-los com o fim de preservá-los em si e usá-los como ferramenta de construção da sua identidade. Isso inclui a construção da capacidade de reconhecer e lidar com emoções negativas, como a ansiedade e o medo, assim como de compreender os demais como seres com pensamentos próprios e autônomos (KLEIN, 1957).

Para exemplificar esta ideia, vou compartilhar um teste realizado com crianças de diferentes idades por uma neurocientista norte-americana. O TED Talk "How we read each other 's minds" (2009) trata-se de uma palestra da neurocientista, Rebecca Saxe, que discute como as áreas do cérebro associadas à teoria da mente (a capacidade de atribuir estados mentais a outras pessoas) funcionam, bem como as diferentes maneiras pelas quais as pessoas podem ter dificuldade em compreender as intenções e perspectivas de outras. Segundo a pesquisadora, apesar de nós adultos compreendermos este sistema há anos, nem sempre foi assim. No caso das crianças, elas levam um bom tempo para entenderem que outras pessoas podem ter opiniões diferentes das delas e, para ilustrar como desenvolvem a capacidade de compreender isso, Saxe realiza um experimento simples com três crianças de diferentes idades.

A narrativa compartilhada no chamado “Teste da Falsa Crença” é a mesma para todos. A pesquisadora apresenta o Ivan, um pirata de brinquedo que carrega um sanduíche

de queijo em suas mãos e o deposita em cima do baú enquanto busca algo para beber com o seu lanche. Enquanto está longe, um vento forte bate e derruba o sanduíche de Ivan na grama. Neste momento, um segundo pirata, Joshua e repete o que o primeiro fez: pega o seu próprio sanduíche de queijo, coloca em cima do baú e sai para pegar uma bebida. Até então, temos um sanduíche no chão e outro no baú. No meio tempo, Ivan retorna querendo o seu sanduíche e a pesquisadora pergunta a criança qual ela acha que o primeiro pirata vai pegar.

Começando pelo menino de cinco anos, ele acredita que Ivan pegaria o sanduíche que está em cima do baú. Ao dar esta resposta, comprova que uma criança desta idade tem bastante clareza que outras pessoas podem ter falsas crenças e quais são as consequências de seus atos. Já o menino de três anos faz duas coisas diferentes. Primeiro ele afirma com firmeza que Ivan pegaria o sanduíche que está na grama, ou seja, o seu original, e depois, quando ele vê que o pirata pegou o sanduíche que estava do lado do dele (pois ele pensou que aquele era o dele) apresenta outra explicação. Neste momento, diz que Ivan não pegou o próprio sanduíche porque ele não quis, pois agora está sujo após ter caído no chão.

Uma vez que o desenvolvimento infantil não acaba aos cinco anos, podemos ver a continuação de aprendizagem sobre o pensamento dos outros ao Saxe aumentar a dificuldade do teste e pedir à criança não para prever uma ação, mas para fazer um julgamento moral. Então, pergunta se o Ivan deveria ficar encrencado por ter pego o sanduíche do Joshua. A criança de seis anos diz que sim, e ela explica que não é imprevisível ele achar que Ivan foi mal, uma vez que ele pensa que Ivan apenas pegou o outro sanduíche para evitar comer o que estava sujo. Por sua vez, a criança de cinco anos, que entendia completamente o porquê Ivan pegou o sanduíche do Joshua, também responde que sim. Sendo assim, a neurocientista conclui que é apenas após os sete anos que a criança cria o que mais se aproxima de uma resposta adulta ao dizer que Ivan não deveria ficar encrencado, mas o vento sim.

O ponto principal do experimento (2009) é demonstrar como as crianças de três, cinco e sete anos respectivamente se encontram em diferentes estados do desenvolvimento e conseqüentemente, têm diferentes compreensões a respeito do mundo externo. Podemos observar que o menino de três anos não consegue enxergar o pirata como algo independente dele, uma vez que tem a ilusão de que o Ivan vê tudo que ele viu, apesar de não estar presente no ambiente no momento do ocorrido. Enquanto isso, o menino de sete anos é capaz de compreender que, apesar de ele saber que o sanduíche original de Ivan é o que está na grama, o pirata não presenciou o evento e, portanto, vai

comer o sanduíche que está em cima do baú, pois acredita que é o dele. A partir deste breve exemplo, torna-se mais tangível a ideia de que, até determinada fase do desenvolvimento infantil, a criança permanece em um lugar de não diferenciação em relação ao outro e dentro da ilusão de controle dos objetos que estão ao seu redor, o qual Melanie Klein compreende como narcisismo.

Durante a criação de relações narcisistas, o bebê não se reconhece conscientemente no outro que é alvo de suas projeções e torna o objeto um mero suporte para a expulsão de sua ansiedade ou agressividade. Segundo o psicanalista pós-kleiniano H. Rosenfeld (1964/1965), as relações de objeto narcísicas são uma espécie de mecanismo de defesa contra o reconhecimento da existência da separação entre o self e o objeto, o qual é onipotentemente incorporado ao self do sujeito. Uma vez que toma consciência dessa separação, vêm à tona os sentimentos de dependência e de inveja em relação ao outro. Sendo assim, o narcisismo se constitui como uma defesa à inveja, permitindo ao bebê proteger-se e garantir a sua sobrevivência e funcionando como um “amortecedor” que protege o infante das tensões e conflitos emocionais que surgem no contato com o mundo externo (1937).

Em “Inveja e Gratidão” (1957), Klein introduz ao leitor o conceito de inveja enquanto um quadro que envolve duas pessoas em que uma deseja ter aquilo que o outro possui, podendo ser suas capacidades, realizações e/ ou qualidades pessoais. O invejoso demonstra sua insatisfação e capacidade destrutiva diante de sua incapacidade de tolerar o sucesso, divertimento e prazer alheio, da mesma forma que o bebê usa das ferramentas de sua organização narcísica para se proteger das possíveis ameaças e do medo que sente diante das frustrações da realidade e do mundo externo - que já não é mais tão caloroso e seguro quanto o útero de sua mãe.

Segundo a autora, algumas crianças são mais aparelhadas, têm maior tendência à gratificação, maior tolerância à frustração e mais recursos para aproveitar o que o ambiente oferece, enquanto outras crianças têm uma fixação oral mais acentuada, originando um traço de maior voracidade, ou seja, maior apetite diante dos objetos. De modo a tornar essa ideia mais tangível, usarei o Teste do Marshmallow como exemplo a seguir. O Teste do Marshmallow, desenvolvido por Walter Mischel na década de 1960, é um experimento clássico que investiga a capacidade de autocontrole e gratificação adiada em crianças (MISCHEL et al., 1989). Basicamente, ele consiste em apresentar um marshmallow (ou outro tipo de doce) para uma criança e dizer a ela que pode comê-lo imediatamente, mas se esperar até que o adulto volte sem comê-lo, receberá sua recompensa em dobro.

Após a condução do estudo longitudinalmente e o acompanhamento das crianças por muitos anos, Walter Mischel descobriu que as crianças que demonstravam maior capacidade de adiar a gratificação no teste apresentavam tendência a ter melhores resultados em várias áreas da vida posteriormente, como acadêmica, em relacionamentos interpessoais e até mesmo na sua saúde. Isso sugere que a capacidade de adiar a gratificação está relacionada a traços de personalidade e habilidades que podem ser cruciais para o sucesso na vida e demonstra que o alcance da gratificação envolve o autocontrole, a habilidade de resistir a impulsos imediatos em favor de uma recompensa maior no futuro.

Além disso, o teste também destaca a importância da autorregulação emocional, pois as crianças que conseguiram lidar com a tentação, distrair-se e adiar a gratificação mostraram maior controle emocional. No entanto, é importante notar que o teste do marshmallow é apenas uma medida isolada de autocontrole e gratificação adiada. Existem outros fatores, como o ambiente social, cultural e econômico, que também desempenham um papel importante no desenvolvimento dessas habilidades.

Apesar da diferença entre idades, a partir deste exemplo, torna-se mais compreensível de que a ânsia por consumir prazer e a insaciedade constante torna o bebê mais apressado para atingir a satisfação e, conseqüentemente, incapaz de usufruir com proveito aquilo que o seio pode oferecer de bom. O seio, nesse caso, torna-se mais frustrante e a criança pode expressar o seu descontentamento através de ataques contra o objeto que a decepcionou.

Desta forma, os sentimentos de inveja mais escondidos remontam à vivência materna primária que está relacionada à saudade do estado pleno de satisfação intra útero que se perdeu. Ao perceber que esse estado anterior é inalcançável em vida, o bebê se irrita com o seio real por não fornecer o mesmo nível de prazer do seio ideal, manifestando a inveja como sentimento destrutivo e como defesa de seu ego narcísico (1937).

Tendo em vista as colocações e definições atribuídas ao conceito, no capítulo a seguir discutiremos sobre a passagem para o narcisismo secundário e as possíveis conseqüências patológicas da não superação do narcisismo primário na vida adulta do sujeito.

### **5.1. A superação do narcisismo primário**

Após os apontamentos no capítulo anterior, a respeito do conceito de narcisismo compreende-se que é um processo de constante evolução, no qual a criança através da

introjeção (processo no qual o incorpora valores externos para si, seja dos seus pais ou do meio social) e da projeção (mecanismo pelo qual o bebê atribui aos outros os seus próprios sentimentos e afetos internos, em grande maioria as suas partes destrutivas e rejeitadas do self) se separa gradualmente do objeto e se constitui como sujeito autônomo, fora da ilusão de onipotência. Sendo assim, o narcisismo estaria diretamente ligado ao desenvolvimento da capacidade de simbolização e de internalização de objetos, permitindo a formação de um mundo interno coeso e a emergência de uma identidade estável e saudável (1957).

Em sua obra “Personification in the play of children” (1929 a), a autora argumenta que o bebê internaliza tais figuras parentais e objetos externos como parte de si mesma de modo a formar os chamados “objetos internos”. Estes são definidos como a experiência ou fantasia inconsciente de um objeto concreto fisicamente localizado no interior do ego (corpo) dada a partir da introjeção das relações estabelecidas pela criança com o mundo externo e que proporciona um senso de existência e identidade ao bebê (1929 a). É um processo que acompanha o indivíduo ao longo de toda a sua jornada, se transformando a depender da fase e sendo um fator de impacto não apenas em seu desenvolvimento emocional, como também na sua capacidade de estabelecer relações saudáveis com outras pessoas no futuro. O mesmo será a ferramenta principal para a superação da fase narcísica na passagem para a fase depressiva (1957), a qual pincelei anteriormente e vou aprofundar com detalhes a seguir.

Como já vimos, nos estágios mais iniciais do desenvolvimento, até os primeiros três meses de vida, o bebê possui um ego primitivo bastante desorganizado e se relaciona com o objeto de amor enquanto algo a ser consumido ou devorado (CINTRA, FIGUEIREDO, 2010a). O objeto de amor, neste caso o seio da mãe, portanto, não é entendido como algo com autonomia com integridade e desejos próprios, mas enquanto uma prolongação do próprio corpo do bebê e partes que serão consumidas ou rejeitadas a depender dos desejos e necessidades dele.

Esta fase é denominada por Klein (CINTRA e FIGUEIREDO, 2010a) como posição esquizo-paranóide e é caracterizada por um contato com o objeto marcado pelo desejo de consumo através de atos de sadismo. Ao direcionar ataques a este, o bebê desenvolve uma angústia persecutória/ paranoica resultante do medo de que tal agressividade retorne ao seu ser e ameace a preservação do seu próprio ego.

No momento do desmame, no primeiro ano de vida, ocorre essa primeira visão que é capaz de integrar a totalidade da mãe enquanto algo a ser preservado e a angústia que, anteriormente advinha de uma preocupação com a sua autopreservação, agora resulta do

medo da possível perda ou ausência desse objeto de amor (CINTRA, FIGUEIREDO, 2010). A partir desta fase de desenvolvimento, o ego já apresenta maior organização e consegue unificar os aspectos dicotômicos e unilaterais antes presentes na relação com o objeto, tais como amor e ódio, produzindo consciência e reconhecimento do outro enquanto ser independente (CINTRA, FIGUEIREDO, 2010b). Esse seria o momento mais importante do desenvolvimento infantil segundo Klein: a elaboração da posição-depressiva.

Se antes, na posição esquizo-paranoide, o bebê expulsava o desprazer e externalizava os sentimentos ruins através da projeção do sadismo, na posição depressiva o objeto é entendido em sua totalidade enquanto sujeito desejante e possível de ser perdido e, então, surge a necessidade de preservá-lo. Sendo assim, o bebê passa a absorver e desenvolver sua realidade psíquica em vez de expulsá-la, processo que se torna possível apenas com a formação de uma identificação com o objeto total e não mais parcial.

A partir dos quatro meses, o sujeito começa a enxergar o objeto de amor como total e independente ao seu corpo, compreendo-o como um sujeito também desejante que, ao correr o risco de ser perdido, deve ser “preservado e não consumido” (CINTRA, FIGUEIREDO, 2010). Quando a criança passa a ver o objeto como uma pessoa, começa a sentir angústia depressiva, que envolve o medo de ter feito danos ao objeto amado e do qual é dependente e, conseqüentemente, o medo de que este morra ou desapareça. Aqui, o temor pela preservação do ego (angústia paranoide) se vê acrescido de temores pela integridade do objeto, como apontado em “Estilo e pensamento, 2010”:

“(...) se antes predominava o sadismo e o desejo de devorar e incorporar o outro, agora o sadismo encontra-se contrabalançado por sentimentos amorosos e pelo desejo de preservar o objeto vivo. Isso é ambivalência, a mistura de amor e ódio. (...) começa a sentir culpa pela sua agressividade contra o objeto, tendo o ímpeto de repará-lo por amor”. (CINTRA, FIGUEIREDO, 2010, p. 76-84)

Em outras palavras, na posição depressiva o bebê começa a sentir culpa pela sua agressividade contra o objeto e tenta repará-lo com amor, pois conscientiza-se a respeito sua dependência em relação a ela, que é compreendida como possuidora de tudo aquilo que lhe é necessário para viver. Esta dependência faz com que o bebê se sinta seguro e amado diante da mãe e, tal sensação de prazer oferecida através do laço maternal,

posteriormente, pode ser a responsável por uma perpetuar uma repetição deste modelo de relação na fase adulta diante do amor romântico, como Regina Lins aponta:

“Na vida adulta, ao entrar em uma relação amorosa, a dependência infantil reaparece com bastante força. No parceiro é depositada a certeza de ser cuidado e de não ficar só. A distância faz sentir o desamparo, da mesma forma que se sentia quando a mãe se ausentava. A dependência emocional que se estabelece torna comum depositar no outro a garantia de não ficar só. O medo da solidão e do desamparo leva à exigência de que o parceiro não tenha olhos para mais ninguém” (LINS, 2019, p. 78).

É esta passagem para a posição depressiva, compreendida como uma das fases mais importantes do desenvolvimento infantil, que marca a superação do narcisismo primário presente na posição esquizo-paranóide e a entrada no narcisismo secundário.

A partir da teoria dos objetos internos, o narcisismo secundário encobre-se em uma nova visão a respeito do conceito e distancia-se da teoria de Freud ao ser elaborado por Paula Heimann (1952). Enquanto Freud (1914) o compreende como uma regressão da libido, retirada totalmente do objeto, seja por perda do mesmo ou por algum tipo de desfeita por este causada, e direcionada de volta ao ego, Heimann acreditava que este representava a retirada da libido do objeto externo para um objeto interno identificado com o ego, e não simplesmente para o próprio ego. De modo ao bebê realizar este movimento de maneira saudável, é necessário que a mãe seja uma fonte de estabilidade e segurança para a criança, tal como vista pelo bebê, e a ajude a lidar com a ansiedade e a separação ao fornecer um ambiente acolhedor e afetivo, enquanto incentiva sua independência e autonomia (Klein, 1957). Caso contrário, não ocorrendo uma diferenciação adequada da mãe e a superação do narcisismo, a criança pode desenvolver um "narcisismo patológico", no qual a criança é incapaz de reconhecer a separação entre si mesma e o objeto, e pode ter dificuldades em estabelecer relações interpessoais saudáveis no futuro (Klein, 1957).

No cerne do debate sobre a patologização do narcisismo estavam Otto Kernberg e Heinz Kohut, dois psicanalistas pesquisadores que sintetizaram em suas teorias posições opostas. Iniciando por Kernberg, este acreditava que certas características pessoais, tais como um sentimento grandioso de importância, um exibicionismo para atrair atenção e

admiração dos outros, e uma preocupação constante com fantasias de sucesso, poder e beleza, compunham um quadro sintomático típico de uma grandiosidade patológica do self. Esta teria origem em uma estrutura psíquica patológica e diferenciava-se da neurose “[...] pela substituição do recalque por mecanismos arcaicos que teriam como objetivo a defesa ante o conflito edípico, em especial em face da raiva e da agressividade” (CUNHA, 2016, p.96), excluindo as personalidades narcísicas como pertencentes unicamente ao grupo de pacientes borderlines ou limítrofes, não sendo nem neuróticos e nem psicóticos.

Por outro lado, Heinz Kohut defendia que não existiam diferenças significativas entre o que ele chamava de narcisismo imaturo normal - típico do desenvolvimento infantil - e o narcisismo presente em personalidades narcisistas (CUNHA, 2016). Kohut considerava o narcisismo não apenas como uma fase do desenvolvimento psíquico, mas como um eixo do processo de formação do sujeito que sempre dependia de investimentos libidinais. Ao contrário de Kernberg, descarta qualquer possibilidade de conexão entre o quadro sintomático narcisista e a existência de uma estrutura psíquica patológica. Ele também fez questão de diferenciar esses pacientes dos classificados como borderline (limítrofes) e entendia a etiologia dos sintomas como uma fixação temporária em uma determinada etapa do processo de desenvolvimento do eu. Para Kohut, os pacientes com sintomas narcisistas apresentavam o que ele chamava de vulnerabilidade narcísica difusa, o que implicava, na prática, em um funcionamento psíquico vulnerável e altamente suscetível a queixas, perturbações da autoimagem e indiferença dos outros.

Posteriormente a ambos os autores comentados acima, o pós-kleiniano Rosenfeld mergulha nos pormenores do narcisismo e o distingue de acordo com os seus aspectos libidinais e destrutivos. Em “A clinical approach to the psychoanalytic theory of the life and death instincts: an investigation into the aggressive aspects of narcissism<sup>6</sup>” (1971), Rosenfeld afirma que o narcisismo libidinal decorre da supervalorização do self, da idealização do mesmo e o que caracteriza estes estados narcísicos é o controle onipotente ou o domínio de tudo aqui que se relaciona com os objetos externos e com o mundo exterior. Em contrapartida, no narcisismo destrutivo as partes destrutivas e onipotentes do self serão idealizadas. É compreendido como uma expressão de uma força destruidora - semelhante a pulsão de morte freudiana - e por isso manifestações de agressividade, humilhações e inveja são mais expostas, frequentes e intensas. Apesar da maior destrutividade, destaca a relevância de reconhecer e analisar esta agressão como um traço incorporado à vida e

---

<sup>6</sup> H. Rosenfeld, A clinical approach to the psychoanalytic theory of the life and death instincts: an investigation into the aggressive aspects of narcissism [Abordagem clínica da teoria psicanalítica dos instintos de vida e de morte: uma investigação sobre os aspectos agressivos do narcisismo], Int J Psychoanal, p. 169-78, 1971.

personalidade do indivíduo narcisista e, não o bastante, a estabelecer como algo que faz parte todo o indivíduo em um determinado nível.

A discussão sobre a patologização do narcisismo é algo delicado e ainda está em andamento atualmente. Apesar das bibliografias publicadas sobre o tema, até hoje não existe uma unanimidade em relação ao conceito de narcisismo e, principalmente, em relação a compreensão da sua possível patologização e quantificação, podendo-se ouvir nos corredores psicanalíticos frases nas quais o narcisismo se relaciona a algo que se “tem” ou “não se tem” e que pode escalado enquanto muito ou pouco (MIGUELEZ, 2015). Segundo o psicanalista Oscar M. Miguelez, no caso das personalidades chamadas narcísicas, cria-se o equívoco de se pensar que há outras que não o são:

“(…) é inegável que o grau de deslocamento e transformação do narcisismo original assinala nuances significativas: não é idêntico ter-se a si mesmo como ideal (eu ideal) e ter um ideal que regule o eu (ideal de eu), embora o narcisismo participe dos dois. Também é inegável que a presença do narcisismo na clínica contemporânea e no simbólico social tem aumentado muito, não porque o narcisismo esteja “aumentando”, mas porque as formas de deslocamento e transformações do narcisismo têm diminuído. (MIGUELEZ, 2015, p.10)”

No trecho acima, o autor destaca que o narcisismo não é uma entidade estática, mas sim uma dinâmica em constante transformação e deslocamento. Além disso, compreende-se que o fator estrutural para a diferenciação entre uma pessoa que supera e ou não o narcisismo primário é o quanto o indivíduo compreende-se a si mesmo como um ideal para direcionar o seu ego.

De modo a tornar a facilitar o diagnóstico ao torná-lo mais tangível, o DSM-5 (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition), define o narcisismo como um transtorno de personalidade caracterizado pelo padrão persistente de grandiosidade, necessidade de admiração e falta de empatia que pode ser identificado no sujeito através de critérios clínicos tangíveis, que facilitam a identificação da patologia em um indivíduo. De acordo com o manual, os sintomas aparecem no início da vida adulta e o padrão narcisista é marcado por pelo menos cinco destes: uma sensação exagerada e

infundada da sua própria importância e talentos (grandiosidade); preocupação com fantasias de realizações ilimitadas, influência, poder, inteligência, beleza ou amor perfeito; convicção de que eles são especiais e únicos e devem associar-se apenas com pessoas do mais alto calibre; necessidade de ser incondicionalmente admirado; uma sensação de merecimento; exploração dos outros para alcançar objetivos próprios; falta de empatia; inveja dos outros e convicção de que outros os invejam; arrogância e altivez.

As estimativas de prevalência do transtorno da personalidade narcisista, com base nas definições do DSM-IV, variam de 0 a 6,2% em amostras de comunidades e entre os diagnosticados com transtorno da personalidade narcisista, 50 a 75% são do sexo masculino. Após realizado o diagnóstico, o tratamento geral do transtorno de personalidade narcisista mais adequado e recomendado é o de psicoterapia dinâmica, assim como para todos os outros transtornos de personalidade, por exemplo para os antissociais, histriônicos e borderlines, os quais inclusive podem estar associados ao transtorno de personalidade narcisista (APA, 2014, p.672).

Considerando o fato de que outros transtornos da personalidade podem se assemelhar ao transtorno da personalidade narcisista, torna-se importante diferenciá-los com base em suas características distintivas. A grandiosidade é uma característica útil para distinguir o transtorno da personalidade narcisista dos transtornos histriônico, antissocial e borderline, que se caracterizam respectivamente por estilos de interação sedutores, insensibilidade e carência. Embora indivíduos com transtornos borderline, histriônico e narcisista possam exigir atenção, aqueles com transtorno narcisista especificamente buscam essa atenção para serem admirados.

A estabilidade relativa da autoimagem e a ausência relativa de auto destrutividade, impulsividade e preocupações com abandono, por sua vez, ajudam a diferenciar o transtorno narcisista do transtorno borderline. Já no caso do transtorno histriônico, o orgulho excessivo nas conquistas, a falta de demonstração emocional e o desprezo pelas sensibilidades alheias são características que o distinguem do transtorno narcisista. Por fim, apesar dos indivíduos com transtorno da personalidade antissocial e narcisista compartilharem tendências como determinação, desembaraço, superficialidade, exploração e falta de empatia, os narcisistas não necessariamente apresentam características como impulsividade, agressão e dissimulação. Além disso, indivíduos com transtorno narcisista geralmente não têm histórico de transtorno de conduta na infância ou comportamento criminoso na vida adulta (APA, 2014, p.672).

Retornando para a discussão central, caso o indivíduo não supere o narcisismo primário ou, seguindo a perspectiva proposta pelo DSM-5, não trate o transtorno de

personalidade narcisista, pode encarar consequências negativas e penosas para a construção de seus relacionamentos futuros na fase adulta. Isso acontece porque a criança que permanece em seu narcisismo constrói o seu aparelho psíquico sem senso de alteridade, ou seja, sem ter o outro enquanto referência. Futuramente, estes fatores refletem como insegurança, tendência a buscar parcerias de simbiose, falta de tolerância de frustrações e desejo de satisfação própria imediata. Além disso, eventualmente o indivíduo narcisista se depara com um grande sofrimento e uma dificuldade ao resolver tardiamente algumas questões primárias, como por exemplo cortes de laços e construção de novas referências.

Tendo em vista a discussão pautada até então, a seguir construirei uma reflexão a respeito do lugar de intersecção dos conceitos de amor e narcisismo, visando colocar em questionamento o conceito de “amor romântico” enquanto uma maneira narcísica de se relacionar com o objeto de desejo e a capacidade do sujeito narcísico de constituir o sentimento de culpa, assim como a necessidade de reparação com o outro, caso não vivencie a superação do narcisismo.

## **6. A CAPACIDADE DO NARCISISTA DE DESENVOLVER O SENTIMENTO DE CULPA E RECONHECER A NECESSIDADE DE REPARAÇÃO NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS**

### **6.1. O espaço romântico saudável**

Baseando-se na teoria anteriormente comentada de Klein sobre as posições esquizo-paranóide e depressiva, Wilkinson e Gabbard (1995) postulam a ideia da existência de um “espaço romântico” que se situa entre o amante e o amado nas relações amorosas. Este é definido por uma experiência interpessoal que implica a vivência de modos de relacionamentos depressivos e esquizo-paranóides relacionados com cada um dos parceiros. O modo esquizo-paranóide implicaria na idealização e na receptividade, que envolveria a coerção do amado, através da identificação projetiva do amante e da possível fantasia do mesmo de que partes de si foram depositadas no outro. Por outro lado, o depressivo geraria a capacidade do indivíduo se preocupar com o outro e permitiria a liberdade para pensar em si próprio. Desta forma, seria neste pêndulo entre as duas “posições” que se torna possível que o amante e o amado constituam um relacionamento

saudável e ofereçam um ao outro uma relação familiar e, ao mesmo tempo, nova e transformadora.

Sabemos que, quanto maior conscientização sobre si mesmo, mais positiva e coesa é a visão que o sujeito cria de seu Self e, conseqüentemente, maior é a possibilidade de investir nos outros de um modo verdadeiro e em função de construir uma relação transformante, que ultrapassa a simples reparação da falta. A partir disso, torna-se viável construir uma relação amorosa satisfatória a ambos, a qual na visão de Melanie Klein implicaria em:

“(...) forte apego, capacidade de sacrifícios mútuos e grande habilidade de compartilhar - de compartilhar a dor assim como o prazer, os interesses de cada um assim como o gozo sexual. Uma relação dessa natureza oferece a possibilidade das mais variadas manifestações de amor. Se uma mulher tem uma atitude maternal em relação ao homem, ela satisfaz (na medida do possível) os primeiros desejos de gratificação que este gostaria de ver realizados pela mãe” (KLEIN, 1937, p. 354).

Desta forma, compreendemos que as relações amorosas mais maduras são marcadas por uma escolha de objeto amoroso que segue a via da complementaridade e do bem-estar de ambas as partes envolvidas, possibilitando ao parceiro uma sensação de gratificação e satisfação das suas necessidades e desejos mais primitivos.

Segundo Melanie Klein, “só conseguimos deixar de lado ou sacrificar até certo ponto nossos sentimentos e desejos, pondo temporariamente os interesses e emoções de outro em primeiro lugar, se temos a capacidade de nos identificar com a pessoa amada” (KLEIN, 1937, p.352). Isso porque, quando nos identificamos com os outros, de certa forma compartilhamos da ajuda ou da satisfação que oferecemos a eles, e assim recuperamos o que perdemos em troca. Ademais, Klein (1937) defende que, em um relacionamento adulto, ao ceder pelo amado e se identificar com essa pessoa, o amante assume o papel de um bom pai ou mãe, agindo da maneira como seus próprios pais agiram com ele, ou como gostaria que eles tivessem agido. Simultânea e paralelamente, também assume o papel de uma boa criança com os seus pais, realizando algo que fez no passado e que agora faz no presente. Dessa forma, ao reverter a situação e agir com outra pessoa como um bom pai ou mãe, o amante recria e vivencia fantasias de amor e bondade que tanto ansiava. No

entanto, agir como bons pais com os outros também pode ser uma forma de lidar com as frustrações e sofrimentos próprios do passado. Os ressentimentos contra os pais conseqüenciados por estes terem nos frustrado (juntamente com os sentimentos de ódio e vingança que esses ressentimentos despertaram em nós), bem como os sentimentos de culpa e desespero resultantes desse ódio e do desejo de vingança iminente, dão a sensação de ter ferido os pais que amávamos ao mesmo tempo. Essas emoções podem ser desfeitas retrospectivamente em fantasias, ao desempenharmos simultaneamente o papel de pais amorosos e filhos, assim como ocorre na fase infantil. Desta forma, a fantasia pode ser uma ferramenta para compensar os danos que causamos inconscientemente e pelos quais ainda nos sentimos culpados.

Assim, o ato de reparação torna-se um elemento fundamental do amor e de todas as relações humanas na visão da autora (KLEIN, 1937)

“Tanto na mente inconsciente da criança quanto na do adulto, ao lado dos impulsos destrutivos há uma profunda ânsia de fazer sacrifícios, a fim de ajudar e restaurar as pessoas amadas que foram feridas ou destruídas na fantasia. Nas profundezas da mente, o desejo de deixar as pessoas felizes está ligado à forte sensação de responsabilidade e de preocupação com elas, que se manifesta através da solidariedade genuína com os outros e da habilidade de compreender como eles são e como se sentem (KLEIN, 1937, p. 352).”

A partir da reflexão acima, podemos compreender, que a culpa é conquistada e construída no adulto a partir do sentimento embrionário de preocupação em relação ao outro. Seja em relações românticas ou não, tal preocupação advém da capacidade do indivíduo adulto de empatizar com quem se relaciona e conseguir compreender o outro como um sujeito independente, com desejos e necessidades próprias.

Apesar do esforço para manter os sentimentos de culpa em segundo plano como uma forma de mascarar a dor, estes encontram outros meios de expressão e acabam se manifestando de formas que perturbam as relações pessoais, como em inseguranças, insatisfações, ciúmes ou complexo de inferioridade. No caso dos relacionamentos

monogâmicos saudáveis e que não envolvem narcisistas, o amante tende a desenvolver um medo inconsciente de ser incapaz de amar os outros de verdade ou de forma suficiente, assim como de não conseguir dominar os seus impulsos agressivos e vir a ser um perigo para aquele que ama e, diante de tais sensações, necessita de provas de que é digno de amor, como elogios e aprovação geral, para eventualmente reparar o que foi destruído. Ao realizar essa conscientização, o adulto torna-se lúcido a respeito do que os seus impulsos destrutivos podem causar e, a partir da culpa sentida a respeito de eventuais comportamentos e ações que podem causar um descontentamento ou um mal-estar do outro, realiza a reparação da relação, visando a felicidade de ambas as partes.

No caso específico dos relacionamentos românticos com sujeitos não narcisistas, o amor permite ao amante ter esta compreensão em relação ao outro e à realidade a partir do corte da ilusão do campo imaginário, um espaço mental sustentado pela idealização na qual o sujeito desencadeia um desejo constante de buscar uma completude perdida. Ao sair da paixão entrar no campo do amor, ocorre a quebra da idealização do parceiro perfeito e o amante depara-se com todas as facetas reais, positivas e negativas, do seu amado que estavam mascaradas pela idealização da paixão. Os prazeres existentes na relação permanecem vivos, porém, na mesma medida, lados do amante que ainda não haviam sido percebidos se manifestam, passam a incomodar o outro e podem causar turbulências na relação. Em muitos momentos de conflito (que naturalmente começam a aparecer nesta fase) a relação é marcada por discordâncias de opinião e possíveis brigas, que farão uso da capacidade de um dos indivíduos de sentir culpa e reparar a situação e o outro, de aceitar a reparação para manter o relacionamento. Sendo assim, no amor torna-se necessário um trabalho constante e mútuo para aceitar as diferenças agora evidentes e manter uma relação satisfatória para ambos os lados de modo a cultivar o amor.

A tendência esperada do curso do desenvolvimento de um indivíduo é que este seja capaz de desenvolver a habilidade de se identificar e sentir culpa por seus atos de destrutividade. Este traço, presente na vida adulta, permite ao indivíduo estruturar e sustentar tais relacionamentos considerados saudáveis. Porém, nem todos os sujeitos seguem o caminho esperado ou considerado “correto”, pois em muitos casos a propensão do indivíduo diante de diferenças e desavenças é de se afastar dos conflitos e ver o desgaste do relacionamento ocorrer até chegar ao fim deste. A partir disso, discutirei a respeito dos possíveis desvios nos modelos de relacionamento saudáveis, incluindo o “amor romântico”.

## 6.2. A patologização do espaço romântico e a vulnerabilidade narcísica

Na contramão do modelo compreendido como saudável, a patologização do chamado espaço romântico ocorre quando se dá a adoção rígida e exclusiva de apenas um dos modos de relacionamento considerados no chamado “espaço romântico”, ou seja, esquizo-paranóide ou depressivo (WILKINSON E GABBARD, 1995). Nos casos em que o movimento de maturação e desenvolvimento em direção a posição depressiva não ocorra, podemos compreendê-los a partir de duas justificativas plausíveis: (a) o sujeito ainda não conquistou a capacidade de sentir culpa ou (b) o sujeito vivencia uma anulação do outro. Em ambas as situações, observamos um desvio do caminho que é considerado saudável, porém, tratando especificamente sobre o segundo caso, podemos compreender esse amante enquanto um sujeito que, refém da posição esquizo-paranóide, enxerga o amado como algo pertencente a si e submisso às suas vontades e fantasias.

Tais modelos de relacionamento são fortemente caracterizados pelo que designamos de “vulnerabilidade narcísica”, o que se define como uma fragilidade e insegurança da representação do Self. A pessoa que apresenta este traço em sua personalidade tem dificuldade em vivenciar o outro como um ser separado, pois necessita que o vínculo construído com este tape as fendas causadas pelas falhas sentidas no desenvolvimento do próprio Self. Portanto, a busca pelo outro é pautada não necessariamente por aquilo que ele é, mas pela completude que pode trazer a si mesmo, para que construa uma representação de si com a qual se sinta confortável, de modo que a ferida narcísica não seja experimentada. O narcisista tende a ser atravessado pela vulnerabilidade narcísica e, ademais, a não ser passível de um desenvolvimento construtivo e progressivo próprio, o que pode vir a influenciar negativamente em suas relações.

Desta forma, sem o mergulho no que poderíamos assumir como análogo à posição depressiva nas relações adultas e amorosas, podemos compreender a fixação do narcisismo como “(...) uma das principais causas da ausência de ansiedade de culpa e, portanto, da inability de viver em harmonia com os outros” (KLEIN, 1946, p. 82). Como construída anteriormente a ideia, o amante narcisista, ao não desenvolver a capacidade de sentir culpa diante dos seus impulsos destrutivos ao amado, tende a não reconhecer a necessidade de reparação dos danos, sustentando um relacionamento baseado em idealizações e uma autoimagem não compatível com a realidade. Diante disso, postulo duas alternativas para o sujeito narcisista em relacionamentos amorosos: (a) um bloqueio ao sustentar relações saudáveis e felizes, tendendo a permanecer entre paixões rasas que

não exigem um investimento interno profundo ou (b) uma possível entrada em relacionamentos amorosos, acompanhada de uma sustentação não saudável da mesma e um forte sofrimento do parceiro envolvido.

Começando pela hipótese de os amantes narcisistas permanecerem em relações no campo da paixão e de modo a mergulhar nestes casos, é relevante compartilhar a minha visão a respeito da paixão. A meu ver, a paixão pode ser entendida como uma forma mais intensa e avassaladora de envolvimento emocional, necessariamente caracterizada por um intenso desejo físico, uma forte idealização do parceiro e uma ilusão de completude e perfeição, pois na fase inicial de qualquer relacionamento é natural que ainda não reconhecemos as falhas e lacunas do outro. Para Freud (1905), isso se explica através da ideia de que a paixão coloca o objeto no lugar do eu ideal, ou seja, o sujeito diante deste modelo de relação investe o seu próprio eu narcísico projetado no outro e, assim, atinge a sensação de completude a partir da anulação das diferenças entre pessoas apaixonadas.

Realizando uma equação entre três esferas, o conceito de paixão se aproxima bastante do ideal de amor romântico e, paralelamente, o amor romântico poderia ser considerado como um modelo narcísico de se relacionar com o outro. Isso se dá pois tanto a paixão, quanto o amor romântico e também o que podemos chamar de amor narcísico, são modelos de relacionamento que são sustentados em grande parte pela idealização de perfeição do outro.

Retomando a obra “Novas formas de amar” (LINS, 2009), o amor romântico sustenta a crença da existência de um par amoroso ideal que lhe complete, levando o amante a atribuir valores fantasiados ao amado que se torna o receptáculo de idealizações. Algumas destas idealizações são mais fidedignas à sua fonte de realidade, enquanto outras são apenas resultado da imaginação e da vida fantasmática do amante, em que o amado é um resultado da projeção das necessidades pessoais, muitas remontando à infância. A questão então está em se procurar, com o novo objeto, o preencher do que ficou em falta e não aspectos mais maduros correspondentes aos desejos adultos e fantasias mais elaboradas.

Se considerarmos a imaginação como o fator fundamental para a fundação do desejo, é possível compreender que, nas relações amorosas, a idealização é o que torna alguém desejável e faz sobressair as qualidades que tornam essa pessoa única e especial, distante do comum. Neste sentido, a paixão encontrar-se-ia no campo imaginário, um espaço mental sustentado pela idealização na qual o sujeito desencadeia um desejo constante de buscar uma completude perdida, muitas vezes procurando nos relacionamentos com outras pessoas. Isso porque em muitos relacionamentos existe a

ideia de que o parceiro deve estar sempre pronto para suprir todas as necessidades do outro, assim como o modelo de amor romântico propõe.

Em paralelo, não excluo a segunda alternativa levantada acima, ou seja, a possibilidade de os narcisistas atravessarem a paixão em direção ao amor e às relações amorosas maduras, porém, acredito que estes relacionamentos podem ser marcados por traços não saudáveis e insustentáveis ao longo prazo. Isso se dá, pois, a resistência do amante narcisista de reconhecer e trabalhar as suas imperfeições e falhas de modo a se desenvolver positivamente e, em paralelo, a sua cegueira em relação às facetas e os interesses reais diante do amado enquanto um sujeito independente a ele impede que o amante se responsabilize emocionalmente pelo seu par e, ademais, que este se esforce continuamente para manter o relacionamento sustentável para ambos.

Quando o amante é um narcisista, é provável que o relacionamento caia em um espaço considerado tóxico, caracterizado por dinâmicas e comportamentos que podem ser emocionalmente, fisicamente ou psicologicamente abusivos, e tendem a causar sofrimento e danos significativos a longo prazo para pelo menos um dos parceiros envolvidos, em geral o não narcisista. Existem várias características que podem indicar um relacionamento amoroso não saudável, incluindo: humilhação; críticas constantes e responsabilização do amado injustamente; manipulação ou chantagem emocional; controle ou ciúme excessivo, acompanhado de possessividade e suspeitas infundadas; desconsideração pelas necessidades, sentimentos e limites do outro parceiro; falta de comunicação aberta e saudável; dificuldade em resolver conflitos de maneira construtiva; desequilíbrio de poder, no qual o amante exerce o controle sobre o outro e até uma dependência emocional, tirando a autonomia e a capacidade do amado tomar decisões independentes.

Em um primeiro momento, é compreensível que o amado não reconheça os traços de narcisismo em seu amante, pois os narcisistas costumam ser encantadores e bastante sedutores no início do relacionamento, de modo a atrair seus parceiros com sua confiança e autoestima aparentemente inabaláveis. Considerando que qualquer relacionamento é construído por duas vias, me questiono qual é o perfil das pessoas que entram em uma relação amorosa com um narcisista e sustentam este modelo de romance. Em uma primeira hipótese, sustento a ideia de que, em grande parte destes relacionamentos, o amado é uma pessoa que se encontra em um momento fragilizado o bastante ao ponto de se enganar diante da máscara do narcisista, acreditando que aquela pessoa é o que ela procura e precisa para satisfazer-se amorosamente. Em uma segunda hipótese, considero a possibilidade do amado ser um masoquista, ou seja, alguém que encontra o prazer em formas de sofrimento, seja ele físico ou psicológico. Neste caso, o masoquista a meu ver

seria capaz de estabelecer uma dinâmica com o narcisista ao tomar os ataques e impulsos destrutivos direcionados ao amado como fonte de satisfação, sustentando a relação por meio do sofrimento que a atravessa.

À medida que o relacionamento progride, é esperado que as características narcisistas do amante se manifestam de maneira prejudicial, independentemente de quem é o amado e do tempo necessário para que esta conscientização aconteça. Ainda assim, acredito que o processo de identificação desses traços e de compreensão de que o amado está em um lugar não saudável, segue produzindo sofrimento no mesmo, isso porque até neste momento a tendência é de que o narcisista não acatar as críticas apontadas a ele ou valide os sentimentos do parceiro, possivelmente o responsabilizando negativamente pelos conflitos do relacionamento. Após a discussão construída nesta pesquisa, fica claro que tal comportamento está diretamente relacionado à incapacidade do amante narcisista de desenvolver a capacidade de culpa e reconhecer a necessidade de reparar a situação.

## CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como questão norteadora a curiosidade a respeito dos possíveis atravessamentos do narcisismo patológico em relações amorosas adultas, de modo a investigar profundamente como os amantes narcisistas estabelecem e sustentam seus relacionamentos, realizando paralelos entre a obra “Amor, Culpa e Reparação” de Melanie Klein e o conceito de amor romântico de modo a atingir os objetivos específicos propostos pelo trabalho.

A partir do ponto inicial do resgate histórico sobre a compreensão de amor na cultura ocidental ao longo das décadas, baseado no livro "Novas formas de amar", da psicanalista Regina Navarro Lins (2009) e diante das obras dos principais psicanalistas como Melanie Klein e Freud, foi possível resgatar os modos de manifestação e compreensão do amor e afirmar que este foi alvo de inúmeras transformações e novas definições a depender do cenário temporal e social. Da mesma maneira, a depender da teoria construída por determinado psicanalista, me deparei com diversas compreensões a respeito da origem e da definição de amor, apesar de existir um ponto de intersecção entre todos os autores estudados nesta pesquisa de que é um sentimento primordial e embrionado nos primeiros vínculos de um indivíduo.

Após uma extensa pesquisa bibliográfica, posso compreender o amor enquanto conceito altamente volátil. Equitativamente às inúmeras transformações já conceituadas que produziram o ideal de amor que temos atualmente, é invariável que os modelos de relacionamento e os ideais românticos ainda vão passar por metamorfoses. Na época contemporânea e presente, na qual as relações sociais mudam rapidamente e tornam-se cada vez mais relativizadas, torna-se ainda mais desafiador estabelecer uma única percepção a respeito do amor no momento que estamos vivendo adiante. Na verdade, não é um dos objetivos ou propósitos deste trabalho buscar por um consenso ou concretizar uma concepção específica, mas a partir da diversidade de compreensões, foi necessário assumir um modelo de relacionamento como norte para direcionar o trabalho. Tal escolha foi feita a partir de uma lente pessoal, optando por seguir com um recorte às relações heteronormativas e monogâmicas ocidentais, por mais que isso determine uma limitação à pesquisa.

De modo a expandir a discussão, elucidei o leitor sobre alguns ideais de amor que atravessam e circundam muitas relações amorosas atuais, apesar da origem e das inúmeras transformações ao longo dos anos, através da conceitualização do modelo de amor romântico. Através deste objetivo, pude assimilar que no amor romântico existe uma

busca pela fusão emocional e uma necessidade de se sentir plenamente amado e valorizado pelo parceiro, incentivada por um desejo de um outro que lhe ofereça o sentimento de completude. Neste contexto, a realização pessoal e a felicidade individual estão intrinsecamente ligadas ao encontro e à manutenção desse tipo de relação amorosa.

Seguindo a mesma lógica, revisei a origem narcisismo e as características dos indivíduos que apresentam o narcisismo, enquanto um traço em sua personalidade. A partir de uma análise desde as perspectivas psicanalíticas de autores como Melanie Klein, Freud e pós-kleinianos até os usos não psicanalíticos do termo, é incontestável que a ideia de narcisismo também passou por mudanças significativas ao longo dos anos. Tais transformações foram abordadas profundamente no segundo capítulo “O Narcisismo”, de modo a construir uma base sólida à hipótese de como as características narcisistas, uma vez que presentes em um espectro patológico, podem atravessar as relações amorosas adultas.

Em paralelo, por intermédio da obra de Melanie Klein, tornou-se possível conhecer a perspectiva da psicanalista e compreender a teoria proposta em “Amor, Culpa e Reparação” sobre as posições do desenvolvimento do bebê e, posteriormente, fazer uso dela para estender a discussão a respeito das consequências da não superação do narcisismo nas relações amorosas adultas.

Foi também através da psicanálise que se conseguiu entrever, tanto antes como após Freud, movimentos voltados a uma patologização do narcisismo. A partir das contribuições de Kernberg, Kohut e Rosenfeld, foi possível compreender que o tema também apresenta um grande desafio ao ser definido enquanto patologia, pois assim como a sua própria conceitualização, nos deparamos com inúmeras visões e opiniões a respeito da perversidade ou possibilidade de ser visto de modo patológico. Mais do que apenas concretizar o narcisismo enquanto um transtorno de personalidade, a dificuldade está em maneiras de identificar ou escalonar os sintomas apresentados por sujeitos narcisistas, uma vez que são bastante abstratos e subjetivos. Para tangibilizar este campo, o DSM demonstra ser uma alternativa para o diagnóstico do transtorno de personalidade narcisista, a partir de uma complicação de sintomas que podem ser comprovados. Porém, independentemente, nos deparamos com o desafio de reconhecer estes sujeitos na sociedade, principalmente pelo fato de que a prevalência do transtorno varia de 0 a 6,2% em amostras de comunidades, ou seja, uma quantidade pequena em relação a amostra total da humanidade.

Tendo em vista todas as colocações propostas nos dois primeiros capítulos, o último capítulo foi construído de modo a apresentar uma discussão opinativa a respeito da

capacidade dos amantes narcisistas de sentir culpa e reconhecer a necessidade de reparação em suas relações amorosas, estabelecendo um paralelo e estendendo a obra de Melanie Klein, "Amor, Culpa e Reparação" (1937) para a vida adulta. Seguindo a perspectiva kleiniana, podemos compreender o narcisismo enquanto uma fixação do sujeito em uma fase inicial do desenvolvimento humano e desta maneira, seria bastante desafiador este amante futuramente construir a identificação necessária para originar um sentimento de preocupação com o outro.

Considerando esta tendência dos narcisistas e o repertório de conteúdos que a construção do trabalho me permitiu absorver, pude construir a hipótese de duas alternativas para o sujeito narcisista em relacionamentos amorosos: (a) um bloqueio ao sustentar relações saudáveis e felizes, tendendo a permanecer entre paixões rasas que não exigem um investimento interno profundo ou (b) uma possível entrada em relacionamentos amorosos, acompanhada de uma sustentação não saudável da mesma e um forte sofrimento do parceiro envolvido.

A primeira opção é estruturada a partir da ideia de os narcisistas permanecerem no campo da paixão, espaço romântico que é sustentado a partir da idealização da perfeição do parceiro e da busca pela completude. Ao estabelecermos um paralelo entre as esferas da paixão, do amor romântico e do amor com um narcisista, é possível encontrarmos intersecções estruturais para defender uma forte similaridade ou analogia entre eles. A segunda opção, ou seja, a de narcisistas atravessarem o campo da paixão para adentrar em relações amorosas, não é excluída, porém, tendo a acreditar que um relacionamento com um narcisista dificilmente será sustentado de modo saudável e feliz a longo prazo.

Ainda que a conclusão pretenda retomar os principais aspectos desenvolvidos neste ensaio teórico, propondo uma última articulação possível entre eles, é também o momento de comunicar as questões que se abrem a partir e para além do trabalho. Ao longo da pesquisa, me deparei com desafios e limitações significativas para a sua construção. O primeiro deles, sendo provavelmente o mais influenciável de todos, foi o fato de ainda existirem poucas publicações, obras ou referências a respeito do tema de relações amorosas com narcisistas, o que afunilou significativamente a amostra de artigos para basear o desenvolvimento de minha hipótese. A meu ver, isso pode ser consequência da baixa taxa de sujeitos narcisistas na sociedade, talvez pela subjetividade do diagnóstico ou pela falta de determinação de um conceito definido a respeito do conceito, dificultando a identificação destes. Ademais, é importante reiterar, como assim fiz acima, que este trabalho foi desenvolvido a partir de um recorte bastante específico, dentro de uma lente ocidental, heteronormativa e monogâmica. Nesta perspectiva, a construção desta pesquisa

esclarece que existe abertura para perspectivas futuras a respeito do lugar de intersecção entre amor e narcisismo. É possível explorar e encontrar novos espaços para explorar outros aspectos, através de recortes diferentes e considerando outros modelos de relacionamento presentes na nossa sociedade contemporânea, de modo a abordar fatores que atravessam as nossas relações e que se tornam cada vez mais relevantes atualmente como por exemplo as questões de gênero, raça e escolhas de relações (poliamor ou em relacionamentos abertos).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

American Psychiatric Association (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014

BIRMAN, Joel. **Amar a Si Mesmo e Amar o Outro: Narcisismo e Sexualidade na Psicanálise Contemporânea**. São Paulo: Zagodoni, 2016.

BOM DIA OBVIOUS: **#131/ quanto dura o amor? Com Ana Suy** [Locução de]: Marcela Ceribelli e Ana Suy [S. l]: Spotify, 14 mar. 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/78rck2o4T4XWWkP6rtmg9Z?si=c0FehyAsSOaX2IYtZ77gTQ/>. Acesso em: 25 ago 2022

BRANDEN, Nathaniel. **A psicologia do amor: o que é o amor, porque ele nasce, cresce e às vezes morre**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos 1998.

CAFÉ FILOSÓFICO. **A paixão vista pelo enamorado**. [2019] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L79jUhE4JeM&t=461s>. Acesso em 10 set. 2022. YouTube.

CAFÉ FILOSÓFICO. **Utopia do amor perfeito** [2017]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=665Stb9HVrE>. Acesso em 11 set. 2022. YouTube.

CINTRA, Elisa e FIGUEIREDO, Luís. **Estilo e pensamento: A década de 1940 e a posição esquizo-paranóide**. São Paulo: Maria Cristina Rios Magalhães, 2ª edição, 2010a.

CINTRA, Elisa e FIGUEIREDO, Luís. **Estilo e pensamento: A década de 1930 e a posição depressiva**. São Paulo: Maria Cristina Rios Magalhães, 2ª edição, 2010b.

FREUD, S. **Sobre o narcisismo: Uma introdução (1974)** In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago. 1914

HINSHELWOOD, R. D. **Dicionário do pensamento kleiniano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

KLEIN, Melanie. **The Psychoanalysis of Children**. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1932/1948

KLEIN, Melanie. **On Identification**. In J. Mitchell (Ed.), *The Selected Melanie Klein* (pp. 177-201). London: Penguin Books, 1955.

KLEIN, Melanie. **Inveja e gratidão e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1957.

KLEIN, Melanie. **Amor, culpa e reparação (1937)**. In: **Amor, culpa e reparação – e outros trabalhos**, pp. 346-385. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1996.

LINS, Regina. **O Livro do Amor, volume 1: da Pré-História à Renascença**. Rio de Janeiro; Best Seller Ltda, 2012. 364 p.

LINS, Regina. **O Livro do Amor, volume 2: do Iluminismo à atualidade**. Rio de Janeiro; Best Seller Ltda, 2012. 364 p.

LINS, Regina. **Novas formas de amar: Nada vai ser como antes: Grandes transformações nos relacionamentos amorosos**. 3. Ed. São Paulo: Planeta, 2019. 271 p.

MACÊDO, K. B. **As Múltiplas Faces de Narciso**. REVISTA PSICOLOGIA E SAÚDE, p. 65-75, 2010.

MEU INCONSCIENTE COLETIVO: **Amando com a verdade do nosso desamparo** [Locução de]: Tati Bernardi e Francisco Bosco [S.l]: Spotify, 29 out 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/366Ej6ziV4T4kWHHe71rEJ?si=MRF30Zg8T52wqtf-LZ4rFw/>. Acesso em: 23 maio. 2022

PINHEIRO, Maria Cláudia Tardin; ANDRADE, Regina Gloria. **Leitura psicanalítica da publicidade amorosa**. Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 296-312, set. 2004

ROSENFELD, H. **On the psychopathology of narcissism**. In H. Rosenfeld, *Psychotic States*. London: Hogarth Press, 1964.

ROSENFELD, H. **A clinical approach to the psychoanalytic theory of the life and death instincts: an investigation into the aggressive aspects of narcissism**. Int J Psychoanal, p. 169-78, 1971.

SAXE, Rebecca. **How we read each other's minds?** Youtube, 2009.

SEGAL, Hanna. **Introdução a Obra de Melanie Klein: Posição esquizo-paranóide**. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1975

SEGAL, Hanna. **Introdução a Obra de Melanie Klein: Estádios Primitivos do Complexo de Édipo**. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1975

WILKINSON, S. M., & GABBARD, G. O. **On romantic space**. *Psychoanalytic Psychology*, 12(2), p. 201–219, 1995.

ZIMERMAN, David. **Manual de técnica psicanalítica: uma revisão**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2004, p. 333 - 343.